



Trabajos de Egiptología

**Dos falsificaciones ramésidas y una propuesta de clasificación...**

Miguel JARAMAGO

**Ofrendas en el Inframundo: el Libro de las Doce Cavernas...**

Daniel M. MÉNDEZ-RODRÍGUEZ

**Cleómenes de Náucratis: realidad, fuentes e historiografía**

Marc MENDOZA

**Violencia física contra el infante... una realidad o una mala interpretación**

Ugaitz MUÑOA HOYOS

**El acto sexual como agente del (re)nacimiento de Osiris**

Marc ORRIOLS-LLONCH

**Of Creator and Creation... (BM EA826)... Papyrus Leiden I 350... (BM EA9999, 44)**

Guilherme Borges PIRES

**As serpentes vindas do Médio Oriente nos *Textos das Pirâmides*...**

Joanna POPIELSKA-GRZYBOWSKA

**Apelaciones, deseos y mensajes para la eternidad... en las estelas abideanas...**

Pablo M. ROSELL

**A iconografía de Petosiris no túmulo de Tuna el-Guebel**

José das Candeias SALES

**Las estacas de madera de Haraga y la pesca en el-Fayum...**

María Teresa SORIA-TRASTOY

**Parámetros de clasificación... la familia *Anatidae* en egipcio y sumerio**

Alfonso VIVES CUESTA, Silvia NICOLÁS ALONSO

112020

Trabajos de Egiptología



# Trabajos de Egiptología

Papers on Ancient Egypt

**Representaciones de deidades ofídicas... Renenutet y Meretseger**

Marta ARRANZ CÁRCAMO

**Las mujeres de la elite en el Reino Antiguo, ¿un grupo social incapaz de actuar?**

Romane BETBEZE

**La representación de la danza en las tumbas tebanas privadas...**

Miriam BUENO GUARDIA

**Choosing the Location of a 'House for Eternity'... Hatshepsut's Officials...**

Juan CANDELAS FISAC

**El *hrw nfr* en la literatura ramésida...**

María Belén CASTRO

**Los himnos Esna II, 17 y 31: interpretación teológica...**

Abraham I. FERNÁNDEZ PICHEL

**Retorno a lo múltiple... la segunda sala hipóstila del templo de Seti I en Abidos**

María Cruz FERNANZ YAGÜE

**Más allá de la narrativa... la Segunda Estela de Kamose**

Roxana FLAMMINI

**El despertar de la "Bella Durmiente"... Museo Provincial Emilio Bacardí Moreau...**

Mercedes GONZÁLEZ, Anna María BEGEROCK, Yusmary LEONARD, Dina FALTINGS

**Realignments of Memory... the *Prophecies of Neferty***

Victor Braga GURGEL



Centros de Estudios Africanos  
Universidad de La Laguna



ISSN 1695-4750



9 771695 475008



número 11

2020

# As serpentes vindas do Médio Oriente nos *Textos das Pirâmides*. Reflexão sobre as relações egípcias-orientais nos textos religiosos mais antigos

Joanna POPIELSKA-GRZYBOWSKA

*Monsters exists because they are part of the divine plan, and in the horrible features of those same monsters the power of the Creator is revealed.*  
(U. Eco, 1983, *The name of the rose*, London: 37)

Os *Textos das Pirâmides*, criados na civilização do Antigo Egito e contextualizados pela crença na vida para lá da morte, tinham como objectivo acompanhar a viagem do defunto para o Além, proteger e assegurar a satisfação das suas necessidades uma vez ali chegado. A particularidade dos *Textos das Pirâmides* reside no facto de terem sido compostos para ajudar o faraó a caminho do céu, e, como a verdadeira existência do rei no Além nunca poderia ser questionada ou ameaçada, estes textos mais antigos do mundo transmitem uma mensagem positiva, sendo manifesto o prazer e desejo pela vida. Esta atmosfera positiva é, contudo, invadida por menções a forças inimigas, ou perigos, que devem ser combatidos, e que no corpus do texto estão associados, por exemplo, às “fórmulas de serpentes”. A ênfase principal do artigo será dada à questão de como as “fórmulas de serpentes” e a sua linguagem demonstram as relações do faraó e do povo egípcio com os habitantes do Médio Oriente.

Pretende-se, ainda, tendo por base os *Textos das Pirâmides*, apresentar as ideias em torno da presumível origem das “fórmulas de serpentes” e a sua relação com o criador Atum. Deste modo pode-se perceber a essência do mundo como a obra completa do criador.

Portanto, serão examinados os argumentos contextuais, a linguagem das “fórmulas de serpentes” nos *Textos das Pirâmides*, nomeadamente, a gramática, o vocabulário, a fraseologia e os efeitos onomatopéicos, para elucidar o seu papel na revelação dos meios linguísticos de expressão usados. A metodologia do método de “visão linguística” é utilizada.

*Serpents from the Middle East in the Pyramid Texts. Reflection on Egyptian-Oriental Relations in the Oldest Religious Texts*  
The *Pyramid Texts* created in Ancient Egypt and contextualised by the belief in life beyond death, were intended to accompany the deceased in their journey to the Hereafter, to protect and ensure the realisation of their needs there. The oldest religious texts demonstrate positive aspects, delight and lust for life and, due to the fact that they were composed in order to assist the pharaoh on his way to the sky and the true existence of the king in the Beyond, could never be questioned or endangered. However, despite everything evoked here, there are attestations of inimical forces, or perils, which are to be fought off.

Emphasis will be placed on the question of how the “serpent spells” and use of language in them manifest the relationship of the pharaoh and the Egyptians with the inhabitants of the Near East.

The ideas of the presumed origin of the formulae and the link with the creator Atum in the texts under discussion is also presented. One can trace the quiddity of the world as a complete work of the ancient Egyptian creator.

Therefore, the author of the paper aims to scrutinise, with reference to contextual arguments, the language of the diagnostic “serpent spells” of the *Pyramid Texts*, namely the grammar, choice of vocabulary, phraseology, possible onomatopoeic effects, to elucidate linguistic means of expression used in the *Pyramid Texts*. The methodology of the linguistic worldview is used.

**Palavras-chave:** Fórmulas de serpentes, criação religiosa da realidade, língua do Oriente Médio, glossolalia.

**Keywords:** Serpent spells, religious reality creation, Middle Eastern language, glossolalia.

---

TdE 11 (2020) - Páginas: 285 - 295

Recepción: 9/9/2019 - Admisión: 10/6/2020

Joanna Popielska-Grzybowska – jpopielska@iksio.pan.pl

Departamento das Publicações / Instituto das Culturas Mediterrâneas e Orientais / Academia Polaca das Ciências / Varsóvia / Polónia

<http://doi.org/10.25145/j.TdE.2020.10.17>

Os *Textos das Pirâmides* foram criados com o objectivo de assistir o faraó no seu caminho para o céu. O pressuposto essencial era o de que a vida e a duração do rei no Além nunca poderiam ser rompidas, ameaçadas ou terminadas. Por esta razão, estes textos são animados por uma atmosfera positiva onde, apesar de tudo, o poder criador da palavra dos deuses e do próprio faraó, convive com aspectos sombrios da vida, que se encontram associados a referências a serpentes que se podem encontrar num conjunto particular de fórmulas conhecidas como “fórmulas de serpentes”. Que funções tiveram as chamadas “fórmulas de serpentes” no corpus destes textos religiosos mais antigos de que há conhecimento? Simbolizando a desordem e os aspectos mais sombrios da vida, as serpentes representam o lado escuro da criação e da existência que é incorporado integralmente no mundo criado. Sendo associado às serpentes o perigo e o aspecto “escuro” da criação, as mesmas são uma parte imprescindível ou indispensável do mundo. Representando a desordem, a serpente é uma ameaça para o universo, não obstante tem um relacionamento inseparável com o criador, constituindo uma das formas mais velha dele e deste criar, isto é, de dar existência àquilo que é. Desta forma, todos os aspectos de existência são absolutamente necessários na obra completa do e no próprio criador. O destaque principal deste artigo é dado à questão de como as “fórmulas de serpentes” e a sua linguagem demonstram as relações do faraó e do povo egípcio com os habitantes do Médio Oriente na percepção egípcia. Vão-se ainda apresentar ideias em torno das suas origens, a qual, neste, é presumida, e a relação com o criador Atum nos textos em discussão.

Para compreender a parte mais sombria da criação presente nos *Textos das Pirâmides*, e que surge associada à serpente, é necessário ter em conta alguns dados relacionados com seres e relações no âmbito do universo egípcio. Sem estes pressupostos não será possível ter um entendimento do alcance e significado das “sombrias”

no contexto da visão da criação própria do período estudado. É esta espécie de inventário que se passa a apresentar de seguida:

- Seth – TP fórmulas -- (P 448), 510 (P 449, M 360) – deus da confusão que representa principalmente a força; cara de animal de Seth – TP fórmula 666 (P 278, M 198, N 339, Nt 242).
- Horus e Seth – TP fórmulas 215 (W 148, T 170, P 257, M 186, N 325, Nt 230), 222 (W 155, T 177, P 264, M 193, N 332, Nt 237); 247 (W 158); 275 (W 181); duas partes do rosto do faraó; TP 455 (P 50, M 43, N 56, Nt 33); 501C (P 396).
- Que Osíris não venha na sua má vinda – TP fórmulas 215 (W 148, T 170, P 257, M 186, N 325, Nt 230), 10 (M 2); 436 (P 30, M 220, N 4); 534 (P 483!); 684 (P 583, M 330, N 514)
- Serpentes – TP fórmulas 284 (W 190, P 387, M 304, N 486, Nt 259); 390 (T 265) (Horus e Seth).
- Outras criaturas inimigas: chacal TP fórmula 213 (W 146, T 168, P 255, M 184, N 323, Nt 228), tartaruga *šljw* TP 581 (P 523, M 382, N 601).

No entanto, a abominação do faraó, isto é, os verdadeiros feitos do mal, têm como exemplos: comer excrementos, beber urina, etc. – TP fórmulas 255 (W 166, T 190), 511 (P 450, M 333, N 542, Nt 271); fome e sede: TP fórmulas 210 (W 143, T 150, M 230, N 365), 211 (W 144, T 151, M 231, N 366).

Estabelecidos estes dados e tendo em conta o objectivo deste artigo, entra-se ao tema das forças hostis e perigosas presentes nos *Textos das Pirâmides* e que se encontram nas “fórmulas de serpentes”. Importa referir que não existe um consenso entre os estudiosos quanto à semântica da expressão “fórmulas de serpentes”. Quer isto dizer, que nem sempre as mesmas fórmulas, presentes nos *Textos das Pirâmides*, são tratadas como sendo “fórmulas de serpentes”.

As fórmulas TP 226-243, que se encontram no frontão oeste da câmara funerária de

Unis, e TP fórmulas 276-299, situadas principalmente na parede leste da antecâmara, como R.C. Steiner observou: “estão frente uma à outra, guardando a múmia de ambos os lados”<sup>1</sup>, constituem, para um leitor contemporâneo, os fragmentos mais difíceis de serem interpretados e de entender, sobretudo porque diferem ortograficamente dos outros fragmentos dos *Textos das Pirâmides*<sup>2</sup>, ou seja, são escritos com uma espécie de “escrita dos encontros consonantais”, como aquela usada para escrever nomes estrangeiros. Além disso, aparece uma sequência de três *alephs*<sup>3</sup>, muitas vezes escrita de forma errada pelos egípcios. Estas particularidades, contudo, por não nos parecerem ser obra do acaso levam-nos a pensar nos objectivos eventualmente pretendidos pelos seus autores. Apesar das nossas dificuldades académicas em traduzir e entender as passagens dos textos em discussão, pensa-se que também é plausível que o seu significado não tenha sido absolutamente claro para os próprios antigos egípcios, razão pela qual nos parece crucial e significativo prestar uma atenção meticulosa ao contexto que envolve a criação destas fórmulas. Para outros investigadores, as fórmulas, no sentido mais lato, isto é, todo o tipo de

fórmulas encontradas nos *Textos das Pirâmides* deve ser entendido como mágico. Neste contexto temos A. Piankoff que elaborou uma explicação e interpretação interessantes relativamente à disposição destes textos nas paredes dos túmulos. Escreve este autor: “Utts. 226-243 are magical formulae engraved on the western gable of the Sarcophagus Chamber. These Utterances are very similar in character to those on the east wall of the Anteroom. Thus the interior of the Pyramid was protected, east and west, from all evil influences”<sup>4</sup>. Todavia, Piankoff também não considerou que todas as fórmulas dos *Textos das Pirâmides* fossem fórmulas mágicas<sup>5</sup>.

De acordo com Steiner: “Ophidiophobia, the fear of snakes, was pervasive in Egypt and the neighboring countries”<sup>6</sup>. Os egípcios acreditavam que as serpentes haviam chegado ao Egipto em navios que transportavam madeira<sup>7</sup>. Como presume Steiner, os egípcios, e muito provavelmente como também veio a ser especificado na Bíblia<sup>8</sup>, consideravam que o leitor podia realizar uma espécie de encantamento produzido pelo sussurro que afetaria as criaturas e as faria voltar de onde elas vieram<sup>9</sup>. Daqui emerge a ideia de que os cantamentos devem ser sussurrados para

1 Steiner 2011: 3. Traduzido para português por J. Popielska-Grzybowska.

2 Comparar as traduções, por exemplo: Speleers 1934: 31-37, 60-63; Sethe 1935-1939: vol. 1, 190-232, vol. 2, 113-226; Mercer 1952: vol. 1, 71-73, 93-99, vol. 4, *Excursuses*, Serpents in the Pyramid Texts, 68-70; Piankoff 1968: 47-53, 95-99; Faulkner 1969: 53-58; Spiegel 1971: 48, 52, 80-82; Altenmüller 1972; Leitz 1996: 381-427; Bertrand 2004: 75-80, 111-119; Allen 2005: 11, 17-18, 52-55; Popielska-Grzybowska 2015: 87-92.

3 Steiner 2011: 3.

4 Piankoff 1968: 95. Ver também abaixo.

5 Piankoff 1968: 47-52, 95.

6 Em particular consultar: Sperverslage 2011: 30-37; Steiner 2011: 4; Sperverslage 2013: 38-51; e também: Leitz 1996: 381; Buchholz 2000: 37-168; Meurer 2002: 271. Outrossim, ver um estudo interessante, que mostra o paralelismo entre fórmulas de serpentes e fragmentos do Livro do Profeta Sofonías: Becking 2014: 1-16.

7 Steiner 2011: 3-4, 80-82; Popielska-Grzybowska 2015: 78-79.

8 Sobre o símbolo de serpente na Bíblia e falar as línguas consultar, por exemplo, em particular: Mc 16,17-18 e também: Am 9,3; At 28,1-6; 2,1-12 e muitos outros; a serpente sendo o antídoto e cura: Nm 21,8-9; os aspectos positivos são discutidos em: Lemański 2017: 13-54.

9 Steiner 2011: 3-4, 80-82; Popielska-Grzybowska 2015: 78-79.



imitar o assobio da serpente, enquanto no encantamento da serpente a pessoa deveria-se dirigir à serpente incorporando ou personificando a mãe divina de serpentes<sup>10</sup> e, portanto, sussurrar as fórmulas. Esta ideia é crucial para entender os textos que dão conta das “fórmulas de serpentes”, fragmentos que foram considerados incompreensíveis pela maioria dos egiptólogos, particularmente os três alephs 𐀑𐀓𐀓 escritos juntos, aos quais fizemos referência acima e que muitas vezes foram também confusos para os egípcios que esculpiram os textos nas paredes. Como refere Steiner:

... at least four of these serpent spells [TP fórmulas 235, 236, 281, and 286 – J.P.-G.] are orthographically distinct from the rest of the *Pyramid Texts*. They are characterized by exceptional phonetic spelling reminiscent of the “group writing” used to write foreign names and texts in later times. Moreover, they contain several occurrences of a very non-Egyptian sequence of three *alephs* that was frequently miswritten by Egyptian copyists<sup>11</sup>.

Steiner afirma, ainda, que as discutidas fórmulas dos *Textos das Pirâmides*, como os textos semíticos posteriores, “são escritos principalmente com sinais monoconsonantais, que constituem um subconjunto do sistema semelhante ao alfabeto, e sem determinativos”<sup>12</sup>. Dum modo ou de outro, no mínimo os *Textos das Pirâmides* nos 235, 236, 281 e 286 estão escritos num formato da escrita egípcia distinta do usual, com um grande conjunto de muitas consoantes:

§ 239a *ḏd mdw kw 𐀑𐀓𐀓 jmḥw jmḥw*  
§ 239b *jw nk.n.k jrtj r(w)t 𐀓 ntj t jz j*

<sup>10</sup> Steiner 2011: 80-82.

<sup>11</sup> Steiner 2011: 77.

<sup>12</sup> Steiner 2011: 82.

<sup>13</sup> Ver a tradução de J.P. Allen: “RECITATION. Earthen One of the Courtyard, Trampled Porphyrite, Foot-trampled, Cord, Son of *hjtgt* —that is your name”, em Allen 2005: 18.

<sup>14</sup> Hays 2012.

<sup>15</sup> Hays 2012: 276.

*Palavras para dizer: Tú Aaa, jmehu, jmehu! Tú copulaste com o par de deusas no limiar do meu governante estimável.*

TP fórmula 235 § 239 (W 10)

Um outro exemplo ainda mais significativo:

§ 240 *kbhjtjtjbjtjšs z3 hjtgt rn.k pw*

*kebebehjtjtjbjtjshes filho de hjtfeget que é o seu nome*<sup>13</sup>.

TP fórmula 236 § 240 (W 11)

No seu livro *Organization of the Pyramid Texts*<sup>14</sup>, H. Hays criticou severamente a teoria de Steiner:

Recently an ingenious attempt has been made by Richard Steiner to interpret about a dozen apotropaic texts as having been transcribed into hieroglyphs from early Northwest Semitic. But the vision proposed concerning their employment has little to do with the ancient patterns of evidence and nothing to do with human practice. (...)

The theory constructs an interesting narrative out of the conjectured decipherment of its texts, and the decipherment’s value is in part supposed to reside in that narrative’s cohesiveness and coherence. However, it does not treat the distributions of the texts with sensitivity, because in actual reality they are not attested together as anything like a whole<sup>15</sup>.

Porém, Hays não apresentou traduções e interpretações muito diferentes, sendo tal evidente e patente comparando com as traduções existentes. Outrossim, é óbvio que os textos foram escritos em egípcio, mas também dá para

perceber que tinham os elementos sejam esquisitos sejam estrangeiros, ou até ambos, aos quais Steiner fizera referência.

Os antigos egípcios davam muita atenção à linguagem, palavras escritas e também faladas em voz alta, que, pelo que faziam parte da criação religiosa da realidade<sup>16</sup>. Todas as elocuições tinham como intenção criar uma realidade religiosa, materializando o que lhes era indispensável. Existia, por outro lado, uma dimensão mágica da palavra que também se pretende explorar nas “fórmulas das serpentes”. Com esta ideia presente, vale a pena analisar a linguagem das escolhidas “fórmulas de serpentes” nos *Textos das Pirâmides*, nomeadamente, a gramática, o vocabulário, a fraseologia e os efeitos onomatopéicos. Foi essencialmente pela concentração de sons que se refletiu a língua egípcia, e não propriamente pela visualização das imagens usadas para a escrever, sendo notória, deste modo a introdução de diversos significados, tendo-se como exemplo o nome do criador *tem*, em que não existe significação da forma dos sinais visuais usados, mas sim, o que na verdade tem significado é a forma sonora.

As “fórmulas de serpentes”, que se encaixam na realidade religiosa e mágica, apesar de fornecerem muitos problemas de tradução, permitem-nos construir um modo de atuar em relação à serpente como acontece no exemplo que se segue:

§ 685b *jn twt stš hr hr.k stz.tj*

§ 685c *rd pn n ttj [ddw.f hr.k] rd n mzfdt*

§ 685d *ꜥ pf n ttj wšḥw.f hr.k 𐀓 n mzfdt hrt-jb hwt-ꜥnh*

§ 686a *zh tw ttj r hr.k*

§ 686b *j.zz nh.k [jn.f znf] wgw.t.k*

§ 686c *sjw sdr nꜥw zbn*

*Tú és Seth? No teu rosto! Sé arrastado!*

*Este pé de Têti [que ele coloca em ti] é o pé de Mafdet.*

*Esta mão de Têti que ele coloca em ti é a mão de Mafdet*

*no coração da Casa da Vida. Quando Têti te atinge no*

<sup>16</sup> Popielska-Grzybowska 2012: 680-693.

*teu rosto, teu veneno irá embora e [removerá o sangue] de tua mandíbula.*

*sju-cobra, deita-te! nau-cobra, rasteja para longe!*

TP fórmula 390 § 684-686 (T 265)

Ou outro exemplo:

LEG (687a) *ḏd-mdw zp 2*

§ 687a *ht.t ht.t mjw mjw \\\\\\\*

§ 687c *[snj ttj nhj] ttj*

§ 687d *jw jpt.k kb.t jmt pr.k jj.t tpt ꜥwj.k hr.tj*

*Palavras para dizer duas vezes: no teu lado! Deita-te de bruços! Voltar! Voltar! Vai! Vai!*

*[Tú quem Têti pode esmagar] ou Têti pode [libertar] ou*

*Têti pode salvar, tua prontidão está calma, aquilo que*

*está em tua casa está realizado, aquilo que está diante de ti está em paz.*

TP fórmula 391 § 687 (T 266)

Lendo os *Textos das Pirâmides* podemos distinguir os tipos diferentes de serpentes. Existem serpentes malignas, tratadas como monstros e que têm origem nas profundezas da terra:

§ 225a *šn nꜥw jn nꜥw*

§ 225b *šn bhz hzbw pr m hzp*

§ 225c *tz j.ꜥm n.k prt jm.k hjw sdr zbn*

§ 226a *hr ḥmψdt m mw*

§ 226b *hfz w pnꜥ mš tw rꜥ*

*A trança foi entrelaçada por trança, o bezerro desdentado que emergiu do jardim foi entrelaçado. Terra, engole o que emergiu de ti! Monstro, deita-te, rasteje para longe!*

*O Servo da luz do sol caiu na água. Serpente, derrube, que Ra possa ver-te!*

TP fórmula 226 § 225a-226b (W 1)

No entanto, outras serpentes são de igual modo invocadas:

§ 422a *j.zz h kw kbb h tjw bj*

§ 422b *rw n phjt rw n ptjt phjt ptjt*

§ 422c m n. <j> jwn tjw twbs jf w jwn hnw  
 § 422d n'jj n'jj n'jj n'jj

*Este-Pegado-do-pátio, tu! Este-da-terra-do-pátio, longo, tu do pé, leão de pehtj, leão de petchetj! Pehtj, petchetj, dá-me agora teu longo! Empilha a carne! Ai, agora: o pote! A serpente trançada, a serpente trançada, será levada embora, será levada embora.*

TP fórmula 281 § 422 (W 187, T 233, N 480)

Vale a pena comparar esta tradução com a tradução feita por Allen: “Caught one of the courtyard, you! Earthen one of the courtyard, long one, you of the foot, lion of *phtj*, lion of *pttj*! *Phtj*, *pttj*, give me now your long one! Stack up the flesh! Woe, now: the pot! The plaited snake, the plaited snake, will be conveyed away, will be conveyed away”<sup>17</sup>.

Ouvindo e lendo estas passagens, podemos perceber que as serpentes aparecem num “contexto fonético” bem diferente das outras fórmulas do corpus constituído pelos *Textos das Pirâmides* em geral. A gramática destes fragmentos é mais simples, não com o objectivo de facilitar a compreensão da mensagem transmitida, mas com a intenção de criar os efeitos sonoros que verdadeiramente podem lembrar-nos a língua estrangeira. Relembramos que a serpente é a personificação do estranho, do estrangeiro.

§ 417a jr.k jr.k jrt.k jr.k  
 § 417b zkzk jm krt.f jm rd

*Se tu agires, é contra de ti mesmo: o que tu possas/podes fazer é contra de ti mesmo, tu Cavidor em tua caverna, tu impedimento!*

TP fórmula 276 § 417a-b (W 182)

Importa chamar a atenção para os efeitos onomatopeicos, nomeadamente o que é possibilitado pelas consoantes. Apesar de não conhecermos

as vogais e, portanto, não as podendo verbalizar, ao pronunciar as palavras podemos “ouvir” os seus efeitos, ou seja, os sons e as repetições pretendidas, como acontece por exemplo em TP fórmulas 226 e 236. Este tipo de linguagem e de sons são uma característica dos textos mágicos em todo o mundo e em todos os tempos.

Como já mostramos noutra ocasião<sup>18</sup>, os *Textos das Pirâmides*, muito mais do que textos mágicos, são textos essencialmente religiosos. Não obstante, os textos que abordamos neste artigo evidenciam-se por apresentarem todas as características dos textos mágicos: aglomerados de consoantes, efeitos sonoros e onomatopeicos, repetições das palavras e frases, palavras incompreensíveis, do tipo ‘abracadabra’. Por esta razão, em alguns casos, dificilmente será atingida a tradução correcta, apesar do esforço e engenho do tradutor, simplesmente porque não existe, tradução correcta. A tradução correcta não pode existir, porque isso é a lei da magia – som, eficiência do poder da palavra pronunciada em voz alta ou sussurrada de modo performativo muda a realidade. Este é, no nosso entender, o objectivo da maioria das “fórmulas de serpentes” que encontramos nos *Textos das Pirâmides*. Estamos, pois, perante dois modos diferentes de “criar” a realidade: o modo religioso e o modo mágico. Apesar dos mecanismos da criação religiosa da realidade parecerem ser semelhantes aos mecanismos dos actos mágicos para influenciar a realidade, existe uma diferença essencial: criar realidade, no contexto da religião, envolve fé e crenças<sup>19</sup>, e, por sua vez, na magia, os seres humanos apenas manipulam (não criam) a realidade para obter os efeitos desejados. No caso das “fórmulas de serpentes” o objectivo religioso é, no nosso entendimento, ultrapassado pelo objectivo mágico.

O poder da palavra é evidente, sobretudo nos sistemas de consoantes diversas, usadas para criar pseudo palavras que lembram as nativas e/ou estrangeiras, as chamadas ‘glossolalia’ – o discurso secreto, solicitado por poderes sobrenaturais, através do qual se pretende entrar em contacto com essas entidades. J. Hellum mencionou a possibilidade da existência deste fenómeno linguístico nos *Textos das Pirâmides*: “however, the repetition of plosive sounds (*ks* and *ts*) is remarkable and unique in the corpus, and seems likely to have been part of the text as an oral and written whole”<sup>20</sup>. Contudo as glossolalia podem significar muito mais que um discurso secreto. No caso dos *Textos das Pirâmides* e de acordo com a teoria de Steiner, glossolalia não aparecem só quando as fórmulas são recitadas em transe religioso, mas também quando os textos podem não ter o significado “verdadeiro”, isto é, para quem profere têm uma significação da língua verídica e autêntica, porém não apresenta qualquer semelhança com qualquer língua natural<sup>21</sup>. Trata-se de uma língua desconhecida através da qual o individuo se expressa. As glossolalia podem ainda ser sinal da relação indissolúvel com o “dom de línguas”<sup>22</sup>. As glossolalia surgem, ainda, ligadas ao “dom da tradução”, ou seja, da capacidade de traduzir, isto é, de interpretar as palavras pronunciadas. Este fenómeno linguístico-religioso insere-se perfeitamente na atmosfera própria dos *Textos das Pirâmides*. O orador em transe religioso-mágico pronuncia os sons e ao proferi-los torna-os compreensíveis pelas criaturas sombrias, e por definição estrangeiras, que deste modo são expulsas do mundo que invadiram, isto é, do Egipto.

É neste contexto que estas expressões da magia egípcia podem ser relacionadas com a atitude dos egípcios para com os estrangeiros, neste caso vindos do Médio Oriente, como sendo o local mítico personificando o estrangeiro.

“The culture of ancient Egypt was generally resistant to foreign influence, but magic formed an exception to this rule. The rare, the exotic, and even the primitive, are prized in magic as their very foreignness gives them power”<sup>23</sup>. Mesmo rejeitando a teoria de Steiner como o presumiu Hays, os textos das “fórmulas de serpentes” claramente associam o perigo vindo das serpentes com o estrangeiro, como demonstra o fragmento a seguir apresentado:

§ 427a bšw m tjw šw tmt jt hnw  
 § 427b kbnw zbnw hz nwt  
 § 427c tjw šjj tjw šjj ntz.j nwt  
 § 427d jz.t rn.j

*Não pulverize como um longo dos lagos, tu tchemtchjitch-serpente dos jarros!*

*Os Byblites arrastaram-se. As coroas vermelhas deste-lago-longo devem trazer este-do-lago-longo, pois eu levantarei as coroas vermelhas e tu elogiarás meu nome.*

TP fórmula 286 § 427 (W 192, T 237, P 389, M 306, N 488, Nt 268b)

A comparação com a tradução de Allen, particularmente na questão da tradução do nome do povo dos *Byblites*, pode revelar-se útil. Na sua opinião *Byblites* é:

A metaphor for snakes gliding like the sea-going vessels known as “Byblites”<sup>24</sup>.

Spray not as a long one of the lakes, you *tjt*-snake of the jars! The Byblites have crawled off. The

17 Allen 2005: 53.

18 Popielska-Grzybowska 2015: 87-92.

19 Popielska-Grzybowska 2012: 680-693.

20 Hellum 2012: 44.

21 Samarin 1972: 131.

22 Glossolalia é um dom atestado na Bíblia: Mc 16,17; At 2,1-12. Ver: Bobilewicz 2011: 348-350.

23 Pinch 1994: 161.

24 Allen 2005: 63.



lake-long-one's Red Crowns shall bring in the lake-long-one, for I shall raise the Red Crowns and you shall praise my name<sup>25</sup>.

No entanto, entender o nome *Byblites* como uma referência aos habitantes do Médio Oriente e assim às serpentes, que têm que afastar-se rastejando, é mais simples e, portanto, parece ser mais provável. Mesmo que não fosse por esta menção dos Byblites, as serpentes são tratadas como vindas de um outro mundo alheio e estranho e que, por isso, têm de ser rejeitadas para a proteção do faraó defunto e a bem da ordem do mundo.

A necessidade de equilíbrio dominava o universo dos egípcios antigos e por esta razão, tudo deve ter o seu contrapeso. Encontramos, assim, as serpentes relacionadas com Rá e faraó (*ureu*), as cobras celestes e a serpente-personificação primordial do criador Atum<sup>26</sup> (Nt 252). Para enfrentar e resistir a uma serpente perigosa e inimiga, deve-se justapor a outra serpente que é, neste caso, *Ureu* ou *Cobra*:

§ 444a *dt r pt zp3 r t3*  
 § 444b *tbt hrw š3s.f nb hwt k3 tpht*  
 § 444c *šnt nj šnt.j*  
 § 444d *nht wnjs nht.f hnt wnjs hnt.f*  
 § 444e *gmjj wnjs m wst.f wnm.f n.f sw mwmw*

*Cobra, para o céu! A centopeia de Horus, para a terra! A sandália de Horus está pisando no dono do recinto, o touro da caverna.*

*Cobra evitada, eu não posso ser evitado: o plátano de Unis é seu sicômoro. Os arredores de Unis são seus arredores. Qualquer um que Unis encontrar em seu caminho, ele devorará.*

TP fórmula 299 § 444 (W 204)

A análise do material escrito nas paredes das pirâmides permite-nos distinguir outras formas interessantes de serpentes, como o touro *ka*, que

também podia aparecer na figura de serpente, TP fórmula 227 (W 2), ou leão:

§ 426a *jw nšzwj.k jr šzwj.k bšj jwn trj*  
 § 426b *j.bh mwjj m mw j jj bnb̄t šs3w*  
 § 426c *hwt hzjj hwt dt twr hnt jbj*  
 § 426d *jh tj jbnw sw rw m mw 3w 3w 3 hnt jbj tj*

*Expira, tu com o líquido, com água! Ó tu do olho ferido, fito de cabeça de Seshau – chuva, tu desgraçada! Cobra, rejeita! Tu traqueia, tu do hetet-planta, alum! O leão é perigoso como a (sua) água. Extensor, não te estendas! Isto é a traqueia.*

TP fórmula 285 (W 191)

Muitas fórmulas de serpentes aparecem apenas numa versão numa das pirâmides, mas existem, contudo, ainda que muito raramente, outras fórmulas mágicas de serpentes que foram gravadas em mais que uma pirâmide e algumas surgem mesmo em todas as pirâmides:

§ 440a *drt nt wnjs jwt hr.k*  
 § 440b *n3šwtj jwt hr.k*  
 § 440c *m m3fdt hnt hwt-5nh*  
 § 440d *j.h.s tw jr hr.k p3h.s tw jr jrtj.k*  
 § 441a *j.hr m hs.k zbn.k m wšt.k*  
 § 441b *j.hr sdr zbn m3 tw mjwt.k nwt*

*A mão de Unis que vem em cima de ti, amaldiçoada serpente – aquela que vem em cima de ti é a de Mafdet na frente do Recinto da Vida, atingindo-te no teu rosto e coçando-te nos teus olhos, para que tu caias no teu excremento e rastejes na tua urina.*

*Cai, deita-te, rasteja para longe, para que tua mãe Nut te veja!*

TP fórmula 297 § 440a-441b (W 202b, N 484)

Ou:

§ 439a *tw tnj sm.k h̄ n wnjs*  
 § 439b *wnjs pj gbb / gbb pw hmt sn nj hmt*

§ 439c *mt jt.k d̄mjw*

*tchetchu-serpente, aonde tu estás indo? Espera por Unis: Unis é Geb hemetch-serpente, irmão do hemetchet-serpente, teu pai Djaamiu tinha morrido.*

TP fórmula 296 § 439 (W 202a, T 251, N 504, Nt 255)

Como já tivemos a oportunidade de referir, para eliminar ou pelo menos para diminuir o poder de uma serpente “estranha”, outra serpente tem de agir. Esta acção cabe à mãe das serpentes que vem do Médio Oriente, mas também a *ureu*:

§ 442a *h̄ r̄ 3ht.f tp.f*  
 § 442b *jr hf3w pn pr m t3 hrj db̄w wnjs*  
 § 442c *j.š̄.f tpj.k m ds pn jm d̄rt m3fdt hr*  
 § 443a *st3.f tpjw r.k s̄r.f mtwt.k*  
 § 443b *m fd jpw rwqdw jmw ht tbwt wsjr*  
 § 443c *h̄jw sdr k3 zbn*

*O sol aparecerá, com o seu efectivo ureu em cima dele, contra esta serpente que vem da terra.*

*Tu sob os dedos de Unis, ele cortará tua cabeça com essa faca, qual é a mão dela que tem o rosto de Mafdet. Ele deve arrastar aqueles que estão na tua boca e ordenhar o teu veneno com aquelas quatro cordas que ficam atrás das sandálias de Osiris.*

*Monstro, deita-te! Touro, rasteja para longe!*

TP fórmula 298 (W 203, N 476, Nt 256)

Podemos, assim, alcançar a partir das “fórmulas de serpentes” um entendimento das relações do Egipto com o resto do Médio Oriente, o qual é entendido como sendo o estrangeiro. Personificado nas serpentes “estranhas” encontramos tudo o que era perigoso ou representava uma ameaça, era o estrangeiro, o alheio, o sombrio. Contudo, num imaginário dominado pelo desejo do equilíbrio, o estranho tem de ser integrado para obter esse equilíbrio e a plenitude do universo e, enquanto tal, é como o próprio deus Seth. Os *Textos das Pirâmides* demonstram

e conferem sobretudo a convicção egípcia de que os elementos inimigos ou perigosos têm de ser combatidos pelo mesmo ou pelos elementos parecidos, isto é, serpente contra serpente – perigo contra perigo. Por esta razão o poder primário do criador era personificado com uma serpente e a força criadora do universo foi a serpente. Daí que, apesar das serpentes serem símbolos do perigo, por exemplo a serpente Apep apresentada como o maior perigo do mundo, é na forma de uma serpente que o criador irá sobreviver ao fim do mundo como O Livro dos Mortos no capítulo 175 nos refere<sup>27</sup>.

## Agradecimentos

A autora do artigo exprime o seu agradecimento à Fundação “Mehen. Studiecentrum voor het oude Egypte” pelo financiamento da sua participação no VI Congresso Iberoamericano de Egiptologia em Madrid. A minha gratidão à Senhora Professora Maria Helena Trindade Lopes é sempre enorme, mais lhe agradecendo todo o apoio e colaboração, sempre frutífera. Agradeço também muito à Senhora Professora Celestina Maria Gomes e Silva e ao Senhor Miguel Ângelo Lobo Gonçalves pela ajuda na correção da língua portuguesa deste artigo.

## Bibliografia

ALLEN, J.P.  
 2005 *The Ancient Egyptian Pyramid Texts (Writings from the Ancient World 23)*. Atlanta.

ALTENMÜLLER, H.  
 1972 *Die Texte zum Begräbnisritual in den Pyramiden des Alten Reichs (AA 24)*. Wiesbaden.

<sup>25</sup> Allen 2005: 53.

<sup>26</sup> Popielska-Grzybowska 2001: 115-129. Ver também: Popielska-Grzybowska, “O Osiris Nemtiemzaf Merenre, you are the essence of all the gods”. *The Pyramid Texts as a Source of Topoi in the Coffin Texts*, em prestes.

<sup>27</sup> ElSebaie 2013: 97-101; Popielska-Grzybowska 2013: 2.

- BECKING, B.  
2014 "Phoenician Snakes and a Prophetic Parallellism: An Implication for Zephaniah 1:9 of a Recent Discovery in the Egyptian Pyramid Texts", *JNSL* 40 / 1: 1-16.
- BERTRAND, R.  
2004 *Les Textes de la Pyramide d'Ounas*. Beuvrages.
- BOBILEWICZ, G.  
2011 "Fenomen glosolalii", em: E. Golachowska e A. Zielińska (eds.): *Konstrukcje i dekonstrukcje tożsamości, vol. 1. Wokół religii i jej języka*, Warszawa: 343-353.
- BUCHHOLZ, H.-G.  
2000 "Furcht vor Schlangen und Umgang mit Schlangen in Altsyrien, Altkypros und dem Umfeld", *Ugarit-Forschungen* 32: 37-168.
- ELSEBAIE, S.  
2013 "A Study on the End of the World as Viewed by the Ancient Egyptians", em: J. Popielska-Grzybowska e J. Iwaszczuk (eds.): *Studies on Disasters, Catastrophes and the Ends of the World in Sources (Acta Archaeologica Pultuskiensia vol. IV)*, Pułtusk: 91-102.
- FAULKNER, R.O.  
1969 *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*. Oxford.
- HAYS, H.M.  
2012 *The Organization of the Pyramid Texts*. Leiden, Boston.
- HELLUM, J.  
2012 "The Use of Myth in the Pyramid Texts", em: C.M. Knobeluch e J.C. Hill (eds.): *Egyptology in Australia and New Zealand 2009*, Oxford: 41-46.
- LEITZ, CH.  
1996 "Die Schlangensprüche in den Pyramidentexten", *Orientalia N.S.* 65: 381-427.
- LEMAŃSKI, J.A.  
2017 "Waż i jego symbolika w Biblii", *Verbum Vitae* 32: 13-54.
- MEURER, G.  
2002 *Die Feinde des Königs in den Pyramidentexten (OBO 189)*. Göttingen.
- MERCER, S.A.B.  
1952 *The Pyramid Texts in Translation and Commentary*. New York, London, Toronto.
- PIANKOFF, A.  
1968 *The Pyramid of Unas*. Princeton.
- PINCH, G.  
1994 *Magic in Ancient Egypt*. Austin.
- POPIELSKA-GRZYBOWSKA, J.  
2001 "Atum in the Pyramid Texts", em: J. Popielska-Grzybowska (ed.): *Proceedings of the First Central European Conference of Young Egyptologists, Egypt 1999: Perspectives of Research, Warsaw 7-9 June 1999 (Światowit Supplement Series E: Egyptology, vol. I, WES, vol. III)*, Warsaw: 115-129.
- 2012 "Religious Reality Creation through Language in the Old Kingdom Religious Texts", em: M. Bárta, F. Coppens e J. Krejčí (eds.): *Abusir and Saqqara in the Year 2010*, Prague: 680-693, 823-904.
- 2013 "tm tmm – the End and Nothingness as Completion and Completeness. Ancient Egyptian Plays on Words", em: J. Popielska-Grzybowska e J. Iwaszczuk (eds.): *Studies on Disasters, Catastrophes and the Ends of the World in Sources (Acta Archaeologica Pultuskiensia vol. IV)*, Pułtusk: 255-259.
- 2015 "The Pyramid Texts as Magical Texts?", em: G. Bąkowska-Czerner, A. Roccati e A. Świerżowska (eds.): *The Wisdom of Thoth. Magical Texts in Ancient Mediterranean Civilizations*, Oxford: 87-92.
- SAMARIN, W.J.  
1972 *Tongues of Men and Angels*. New York.
- SETHE, K.  
1935-1939 *Übersetzung und Kommentar zu den Altägyptischen Pyramidentexte*. Glückstadt, vols. 1-2.
- SPELEERS, L.  
1934 *Traduction, Index et Vocabulaire des Textes des Pyramides Égyptiennes*. Paris, Bruxelles.

- SPERVERSLAGE, G.  
2011 "Zu den Schlangensprüchen in den Pyramidentexte", *Sokar* 23: 30-37.
- 2013 "Zu Anbringung und Umfeld der Schlangensprüche in den Pyramidentexten", *Sokar* 27: 38-51.
- SPIEGEL, J.  
1971 *Das Auferstehungsritual der Unas-Pyramide (AA 23)*. Wiesbaden.
- STEINER, R.C.  
2011 *Early Northwest Semitic Serpent Spells in the Pyramid Texts (Harvard Semitic Studies 61)*. Winona Lake.

## Consejo editorial

### Director

Miguel Ángel Molinero Polo  
Universidad de La Laguna, Tenerife, Islas Canarias

### Secretaría de edición

Lucía Díaz-Iglesias Llanos  
Centro Superior de Investigaciones Científicas, Madrid

Alba María Villar Gómez  
Subdirección General de los Archivos  
Estatales (Ministerio de Cultura y Deporte)

### Colaborador de edición | English editorial assistant

Kenneth Griffin  
Swansea University, Gales, Reino Unido

## Consejo de redacción

Antonio Pérez Largacha  
Universidad Internacional de la Rioja (UNIR)

José Ramón Pérez-Accino  
Universidad Complutense de Madrid

### Comité científico

Marcelo Campagno  
CONICET | Universidad de Buenos Aires

Josep Cervelló Autuori  
Universitat Autònoma de Barcelona

María José López-Grande  
Universidad Autónoma de Madrid

Josep Padró i Parcerisa  
Universitat de Barcelona

M.<sup>a</sup> Carmen Pérez Die  
Museo Arqueológico Nacional, Madrid

Esther Pons Mellado  
Museo Arqueológico Nacional, Madrid

José Miguel Serrano Delgado  
Universidad de Sevilla

### Fundadores de la revista

Miguel Ángel Molinero Polo  
Antonio Pérez Largacha

José Ramón Pérez-Accino  
Covadonga Sevilla Cueva

# Trabajos de Egiptología

Papers on Ancient Egypt

## Horizonte y perspectiva Estudios sobre la civilización egipcia antigua

Editado por | Edited by

Lucía Díaz-Iglesias Llanos | Alba María Villar Gómez | Daniel Miguel Méndez-Rodríguez  
Cruz Fernanz Yagüe | Miguel Ángel Molinero Polo | José Ramón Pérez-Accino

Número 11  
2020



# Índice | Contents

<b>Representaciones de deidades ofídicas en los enterramientos privados de las necrópolis tebanas durante el Reino Nuevo: evidencia gráfica de las diosas Renenutet y Meretseger</b>	<b>7</b>
Marta ARRANZ CÁRCAMO	
<b>Las mujeres de la elite en el Reino Antiguo, ¿un grupo social incapaz de actuar?</b>	<b>29</b>
Romane BETBEZE	
<b>La representación de la danza en las tumbas tebanas privadas del Reino Nuevo egipcio</b>	<b>43</b>
Miriam BUENO GUARDIA	
<b>Choosing the Location of a ‘House for Eternity’. A Survey on the Relationship between the Rank of the Hatshepsut’s Officials and the Location of their Burials in the Theban Necropolis</b>	<b>63</b>
Juan CANDELAS FISAC	
<b>El <i>hrw nfr</i> en la literatura ramésida: algunas notas para su interpretación</b>	<b>81</b>
María Belén CASTRO	
<b>Los himnos Esna II, 17 y 31: interpretación teológica e integración en el programa decorativo de la fachada ptolemaica del templo de Esna</b>	<b>93</b>
Abraham I. FERNÁNDEZ PICHEL	
<b>Retorno a lo múltiple. Metodología y análisis del programa iconográfico de la segunda sala hipóstila del templo de Seti I en Abidos</b>	<b>103</b>
María Cruz FERNANZ YAGÜE	
<b>Más allá de la narrativa: aportes para una aproximación integral a la Segunda Estela de Kamose</b>	<b>125</b>
Roxana FLAMMINI	
<b>El despertar de la “Bella Durmiente”: pasado, presente y futuro de la Sala Egipcia del Museo Provincial Emilio Bacardí Moreau, Santiago de Cuba</b>	<b>141</b>
Mercedes GONZÁLEZ, Anna María BEGEROCK, Yusmary LEONARD, Dina FALTINGS	
<b>Realignments of Memory: Legitimacy of The Egyptian Past In The <i>Prophecies of Neferty</i></b>	<b>151</b>
Victor Braga GURGEL	
<b>Dos falsificaciones ramésidas y una propuesta de clasificación tipológica de las piezas dudosas</b>	<b>167</b>
Miguel JARAMAGO	

Trabajos de Egiptología está producida por  
Isfet. Egiptología e Historia  
con la colaboración del Centro de Estudios Africanos  
de la Universidad de La Laguna  
y para este número de Egiptología Complutense

C/ Blanco 1, 2º  
38400 Puerto de la Cruz  
Tenerife - Islas Canarias  
España

© De los textos: sus autores y Trabajos de Egiptología

Diseño de arte y maquetación  
Amparo Errandonea  
aeamparo@gmail.com

Imprime: Gráfica Los Majuelos

Depósito Legal: TF 935-2015  
ISSN: 1695-4750

<b>Ofrendas en el Inframundo: el Libro de las Doce Cavernas en el Osireion de Abidos</b> Daniel M. MÉNDEZ-RODRÍGUEZ	189
<b>Cleómenes de Náucratis: realidad, fuentes e historiografía</b> Marc MENDOZA	215
<b>Violencia física contra el infante en el antiguo Egipto: una realidad o una mala interpretación</b> Ugaitz MUÑOA HOYOS	225
<b>El acto sexual como agente del (re)nacimiento de Osiris</b> Marc ORRIOLS-LLONCH	241
<b>Of Creator and Creation: Some Observations on the Cosmogonical Conceptions in the Stela of Suty and Hor (BM EA826), Papyrus Leiden I 350, and the Hymn to Ptah of the “Great Harris Papyrus” (BM EA9999, 44)</b> Guilherme Borges PIRES	263
<b>As serpentes vindas do Médio Oriente nos <i>Textos das Pirâmides</i>. Reflexão sobre as relações egípcias-orientais nos textos religiosos mais antigos</b> Joanna POPIELSKA-GRZYBOWSKA	285
<b>Apelaciones, deseos y mensajes para la eternidad. El llamado a los vivos en las estelas abideanas del Reino Medio</b> Pablo M. ROSELL	297
<b>A iconografía de Petosiris no túmulo de Tuna el-Guebel</b> José das Candeias SALES	313
<b>Las estacas de madera de Haraga y la pesca en el-Fayum durante el Reino Medio</b> María Teresa SORIA-TRASTOY	331
<b>Parámetros de clasificación zoológica comparados: la familia <i>Anatidae</i> en egipcio y sumerio</b> Alfonso VIVES CUESTA, Silvia NICOLÁS ALONSO	369
<b>Crónica   Contemplar siglos y cumplir veinte años</b> José Ramón PÉREZ-ACCINO	391
<b>Submission Guidelines</b>	403